OCTÓGONO
Cadernos de polissemia artística
ISSN: 2976-0402
Número avulso (35)
24 de Junho de 2026
Autoria e edição: Paulo Martins Oliveira

REVISITANDO OS JERÓNIMOS DE EDGAR QUINET

PAULO MARTINS OLIVEIRA

Sinopse Onde se revisita a descrição de Edgar Quinet sobre o Mosteiro dos Jerónimos.

Palavras-chave Mosteiro dos Jerónimos; Santa Maria de Belém; Edgar Quinet; Manuelino; traçarias.

Online academia.edu archive.org blogspot.com youtube.com

Disponibilização Creative Commons Attribution 4.0 (CC BY-SA 4.0)

Nas paredes interiores do grande templo dos Jerónimos são perceptíveis ténues vestígios gravados, os quais ficaram dos processos de marcação da pedra e fabrico de moldes geométricos de madeira ou metal para a realização de sequências decorativas noutros pontos do monumento[1].

Ainda que instrumentais, essas traçarias são úteis para entender as metodologias construtivas seguidas no grande estaleiro português do século XVI. Existindo também alguns desses registos na parede exterior-meridional, encontram-se todavia aqui ainda mais esbatidos, certamente devido à exposição directa aos elementos naturais e às diversas formas de poluição atmosférica.

Erosão similar observa-se no grande portal verticalizante que domina a mesma fachada sul, sobretudo nos múltiplos pequenos elementos escultóricos que fazem parte desse programa iconográfico[2].

De facto, se as esculturas de vulto encontram-se aí razoavelmente preservadas, já vários daqueles relevos complementares, de cariz sobretudo botânico, animalista e mitológico, apresentam evidentes sinais de desgaste, ao ponto da identificação de algumas formas e contornos se tornar duvidosa ou mesmo incerta, prejudicando as sub-leituras do portal.

1 Cf. Paulo PEREIRA, *Arquitectura Portuguesa*, ed. Temas e Debates/CL, Lisboa, 2022, pp.253-257.
2 Em Lisboa e noutros pontos do país existem elementos escultóricos que literalmente se dissolvem a céu aberto, e se alguns são parte intrínseca das estruturas arquitectónicas, outros poderiam ser substituídos por réplicas e musealizados em ambiente controlado, à semelhança por exemplo do famosos *David* florentino.

Sendo urgente o registo desses elementos, interessa aqui uma dissertação académica que, operando no domínio do desenho científico/arqueológico, visou a sistematização (possível) dessas discretas mas importantes figuras no *background* do portal (Pedro Miguel Domingos Jorge de Oliveira, *Desenho das figuras iconográficas do portal sul do Mosteiro dos Jerónimos*, FBA-UL, 2011).

Neste contributo, além de se reportar por exemplo a existência de aves ambíguas[3], é elencada a existência de macacos, o que por sua vez logo traz à memória a descrição oitocentista de Edgar Quinet, famosa entre os que se interessam pela historiografia do próprio manuelino, e na qual, o erudito francês, em passagem por Lisboa[4], exalta o grande monumento jerónimo:

"Ici, des sirènes gothiques nagent dans une mer d'albâtre; là, des singes grimpeurs du Gange se balancent au câble de la nef de l'église de Saint-Pierre. Les perruches du Brésil battent de l'aile autour de la croix du Golgotha. Des larmes coulent sur des blasons. Ajoutez des mappemondes de marbre, des astrolabes, des équerres mariées aux crucifix, des haches d'abordage, des boucliers, des échelles, partout des agrès, des noeuds de cordes roulées, qui amarrent les colonnes, les piliers, vous sentierez, dans le moindre détail, une église marine, la barque pavoisée du Christ espagnol et portugais, qui, au milieu des angoisses de l'homme, cingle en paix, vent arrière, sur des océans non encore visités. Des éléphants de marbre portent en triomphe l'urne funèbre du roi Emmanuel, qui apré sidé à la découverte des Indes".

O estilo manifestamente impressivo e floreado é paradigmático do romantismo do século XIX em geral e da literatura de viagens em particular[5], percebendo-se a razão pela qual a historiografia artística do século XX, ao deparar-se com o texto, logo o descartou como fonte.

Mas ainda assim, em alguns aspectos, poderá ser considerado que o autor tivesse podido ver com clareza certos detalhes escultórico-arquitectónicos que entretanto ficaram dúbios ou imperceptíveis, além de que a amálgama narrativa de Quinet poderá implicar sugestões colhida em peças móveis no interior (cadeirais, quadros, tapeçarias, etc.).

Veja-se por exemplo que a tapeçaria da *Descoberta da Índia* (prop.CGD/dep.MNAA) contém alguns detalhes coincidentes com o discurso do visitante francês, embora não se possa estabelecer um nexo documental que ligue o pano aos Jerónimos[6]. Em todo o caso, tapeçarias armadas poderiam cobrir e

3 A propósito, é de notar que nas figurações animais existem seres compósitos (e.g. leões com asas) e outros mais subtis, que resultam de verdadeiras fusões (sobre esta questão v. *Octógono* n.25 / Março de 2026 – "The lamb/calf of Frei Carlos and other metamorphoses" [academia.edu | archive.org]).

4 A referência surge no livro *Mes Vacances en Espagne*, editado em Paris no ano de 1846. De facto, a intenção do autor era visitar apenas Espanha para perceber o ambiente local e realizar sondagens políticas. Vendo-se contudo bloqueado na Andaluzia aquando de uma sublevação, conseguiu sair num navio britânico e assim fazer uma escala não programada em Lisboa, onde durante alguns dias pôde visitar o património da região (cf. cap. XXV do referido livro).

5 Veja-se que nem mesmo o "seco" e objectivo Vergílio Correia ficou imune a essa tradição quando, já em pleno século XX, visitou Marrocos para estudar os monumentos locais.

6 Sobre o mecanismo simbólico dessa tapeçaria, onde em sobreposição também se figura a cidade de Lisboa e a praia do Restelo (vista a partir do estaleiro do novo monumento), v. *Octógono* n. avulso (7) / 24 de Dezembro de 2024 – "Vasco da Gama e o Nó do Mundo", p.2 [academia.edu | archive.org], coligido em *Segundo Octógono* [academia.edu | archive.org].

descobrir as traçarias acima mencionadas[7], as quais, à semelhança das marcas de canteiro deixadas visíveis, parecem sinalizar humildemente a raiz humana do templo e o esforço dos fiéis em se aproximar do verdadeiro Criador.

Note-se que não obstante a extinção das ordens religiosas e alienação patrimonial, ainda persistiu a tradição de "atapetar" os templos propriamente ditos com múltiplas extravagâncias que acentuavam o carácter místico do local, onde o Éden original se fundia com a derradeira Jerusalém Celeste, e onde o próprio sentido de missão dos cristão culminava na vitória do bem sobre o mal.

Enfim, e tal como na profusa densidade do portal sul dos Jerónimos, talvez no fabuloso emaranhado literário de Quinet também se encontrem algumas pistas úteis quanto ao valor e uso das criações artísticas.

7 Num jogo similar àquele das tapeçarias de Rafael para a Capela Sistina – v. *As tapeçarias de Rafael e as cortinas pintadas*, 2015 [academia.edu], coligido em *Italian-crafted. Studies 2012-2016* [archive.org].